

VEGETAÇÃO, CULTURA E ECONOMIA: ASPECTOS ETNOBOTÂNICOS DA COMUNIDADE CAPÃO EM BARÃO DE MELGAÇO. MATO GROSSO, BRASIL

Nayara Dores da Silva Paes¹

Maria Corette Pasa²

RESUMO: A utilização de plantas em sua diversidade de espécies e formas de usos que vão do místico ao medicinal, e que se fortalece na alimentação de subsistência contrapondo a agricultura convencional, é uma prática bastante comum em comunidades tradicionais pantaneiras. O Pantanal mato-grossense rico em biodiversidade e cultura é uma extensa área alagável sob a influência da dinâmica hídrica, o que o torna tão peculiar. E na fluidez dessas águas também flui o conhecimento, e se molda o saber da pantaneira e do pantaneiro. Que através da troca de conhecimento buscam formas alternativas de sobrevivência e manejo desse ambiente. A fim de se resgatar e permear neste universo, o presente estudo tem por objetivo compreender a relação do ser humano com a natureza que o cerca, entendendo a importância econômica e cultural desta para a comunidade a ser estudada. Registrando e catalogando a diversidade de plantas das quais a comunidade faz uso na alimentação, tratamento de doenças, ornamentação, e as demais atividades que enriquecem a cultura desta população, as plantas se tornam matéria-prima desta pesquisa, sendo estas extraídas e/ou cultivadas em quintais, roças e matas da comunidade do Capão, zona rural do município de Barão de Melgaço, MT. Para tanto, utilizamos abordagens quantitativas e qualitativas por meio de um questionário, entrevista semiestruturada e registros fotográficos. O resgate dessas informações possibilitou tanto caracterização da flora e de seu uso, quanto o perfil socioeconômico e a carga cultural dessa comunidade.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Comunidades tradicionais. Pantanal.

ABSTRACT: (VEGETATION, CULTURE AND ECONOMY: ISSUES ETHNOBOTANICAL CAPÃO COMMUNITY IN BARÃO MELGAÇO, MATO GROSSO. BRAZIL). The use of plants in its diversity of species and forms of uses ranging from medical to the mystical, and it strengthens the power of subsistence contrasting conventional agriculture, is a fairly common practice in traditional marshland communities. The Pantanal rich in biodiversity and culture is an extensive wetland under the influence of fluid dynamics, which makes it so unique. And the fluidity of these waters also the knowledge flows, and shapes the knowledge and the Pantanal wetland. That through the exchange of knowledge seek alternative ways of survival and management of this environment. In order to redeem and permeate this universe, this study aims to understand the relationship between human beings and nature that surrounds it, understanding the economic and cultural importance of the community being studied. Recording and cataloging the diversity of plants from which the community uses in food, treatment of diseases, ornamentation, and other activities that enrich the culture of this population, the plants become raw material of this research, which are extracted and / or cultured in backyards, fields and forests of the Capon, rural municipality of Barão de Melgaço, MT community. The study used quantitative and qualitative approaches through a questionnaire, semistructured interview and photographic records. The rescue of this information allowed characterization of both flora and its use, as the socioeconomic and cultural profile of the community charge.

Keywords: Medicinal plants. Traditional communities. Pantanal

¹Graduanda de Ciências Biológicas.IB.UFMT.

²Profª. do Departamento de Botânica e Ecologia. IB. UFMT. pasamc@brturbo.com.br

INTRODUÇÃO

Ecossistema rico em biodiversidade e cultura, o Pantanal é uma extensa área alagável sob a influência da dinâmica hídrica, o que o torna tão peculiar (GUARIM NETO et al., 2010). E na fluidez dessas águas também flui o conhecimento, e se molda o saber local da pantaneira e do pantaneiro, que através da troca de conhecimento buscam formas alternativas de sobrevivência e manejo deste ambiente.

Uma atividade comum entre as comunidades pantaneiras tradicionais é a utilização de plantas medicinais, prática que embarca ricos costumes baseados na cura popular, extraindo da natureza princípios ativos necessários para tratamentos diversos. Que segundo Pasa (2007) são de grande importância para a população local, sendo para esta a forma mais acessível para a cura de enfermidades.

Guarim Neto e Moraes (2003) apontam para o Cerrado mato-grossense 509 espécies de plantas medicinais, muitas dessas espécies têm ocorrência em áreas pantaneiras. A relação ser humano – planta esta visivelmente presente nas ações que permeiam o fazer e o saber do pantaneiro, cabendo aqui a etnobotânica a valorização do conhecimento através do registro e resgate dessas atividades.

Entre comunidades os valores empregados à biodiversidade permeiam por âmbitos tradicionais, culturais, religiosos e econômicos. Os componentes da diversidade florística possuem valores econômicos diretos, que são aqueles consumidos na alimentação, na medicina, no artesanato, na decoração, ou valores indiretos, que não envolvem o consumo ou a destruição da planta. No primeiro caso as espécies vegetais estão associadas a fatores econômicos e de qualidade de vida, de recursos atuais ou potenciais (GUARIM NETO et al., 2010). Além do grande acervo de conhecimento dessas comunidades, Diegues (2001) considera que o manejo e a gestão de áreas naturais podem estar intimamente ligados à visão de mundo e práticas das comunidades tradicionais, que por conta da grande dependência dos recursos naturais, estrutura simbólica, isolamento e sistemas de manejo desenvolvidos no espaço e tempo podem ser parceiros necessários aos esforços de conservação.

Diante disso, o presente estudo tem por objetivo resgatar aspectos culturais e econômicos da relação ser humano – planta, bem como a importância desta para a população local, aproximando desta forma o conhecimento empírico e científico.

MATERIAIS E MÉTODOS

A comunidade de Capão está localizada na Baixada Cuiabana, no município de Barão de Melgaço – MT, que está a 102 km ao sul da capital, delimitada pelas coordenadas geográficas 16°11'40''S e 55°58'03''W e altitude média de 156 metros, na região do pantanal, ocupando uma área de 11.183km². Zona rural de Barão de Melgaço, a comunidade estuda está situada em torno da Baía do Recreio e possui aproximadamente 44 propriedades, situando-se a 2 km do centro da cidade (Figura 1).

Os dados foram coletados em fevereiro e março de 2014 com frequência diária no local de estudo. Para a obtenção de dados referentes ao perfil socioeconômico dos entrevistados utilizou-se da técnica de questionário, e para a coleta de informações referentes às espécies de plantas utilizadas pela comunidade, suas etnocategorias e parte usada da planta aplicou-se entrevista semiestruturada. Durante a entrevista foi utilizada máquina fotográfica para a captura de imagens referentes à interação do sujeito com o meio, e um diário de campo a fim de registrar informações e acontecimentos importantes para a pesquisa. As plantas citadas durante as entrevistas foram identificadas com auxílio dos registros fotográficos e devidas chaves de identificação.

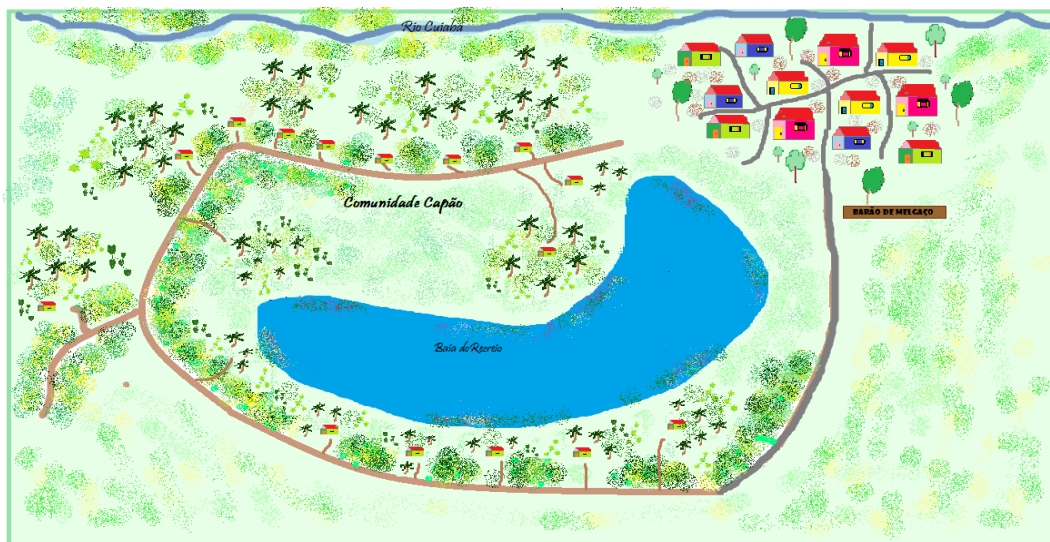


Figura1. Localização da comunidade de Capão em Barão de Melgaço, MT. 2014.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente existem cerca de 44 propriedades na comunidade de Capão, formada por moradores, pessoas que ainda estão construindo a sua casa, ou que apenas cultivam no local e destas, 40% das propriedades foram visitadas e participaram da entrevista. Do total de entrevistados 61% são de pessoas que residem no local e 22% estão construindo a sua casa e 17% apenas cultivam. As propriedades foram escolhidas aleatoriamente e todos que foram encontrados na residência no momento da entrevista colaboraram com o estudo, sendo apenas os proprietários entrevistados, visto que na maioria das vezes apenas uma pessoa era encontrada na residência, e quando encontrava-se o casal o tema da pesquisa era apresentado e surgia indicação de uma pessoa específica para falar ou relatar os conhecimentos.

As residências são todas de alvenaria, com quartos, sala, cozinha, e banheiro, dispondo de energia elétrica e água encanada proveniente do rio ou de poços da própria propriedade. Os moradores que dependem da água do rio e a recebem apenas três vezes por semana e aguardam pelo sistema de distribuição de água da comunidade, que se dará através de um poço artesian, já perfurado, mas que depende de uma bomba para seu funcionamento, e conseqüentemente da administração da cidade. Dos depoentes 96% são procedentes de Mato Grosso e 4% do estado de São Paulo. A amostra foi de 18 pessoas, sendo 50% mulheres e 50% homens. Dos entrevistados 68% possuem ensino fundamental, 16% segundo grau completo e 16% não possuem instrução. A entrevista engloba indivíduos entre 26 e 72 anos de idade, sendo 72% aposentados e o restante exercem atividades como pesca profissional, serviços gerais ou tem sua renda proveniente da agricultura de subsistência (Figura 2). O tempo de residência no local ou a ocupação do mesmo para o cultivo de plantas varia entre 4 a 60 anos

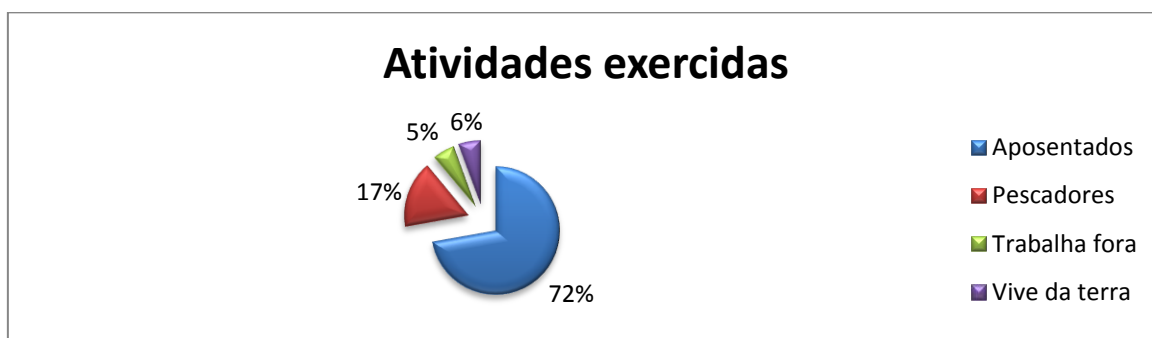


Figura 2- Atividades exercidas na comunidade de Capão. Barão de Melgaço, MT. 2014.

Zona rural da cidade de Barão de Melgaço, a comunidade de Capão tem como base econômica a agricultura de subsistência e pesca. Moradores do pantanal adéquam seus hábitos de acordo com o pulso de inundação, entre a seca e a cheia, os cultivares são diferentes, os locais cultivados também mudam. Todos os entrevistados apontam o quintal como fonte de renda e/ou alimentação, sendo que 56% cultivam para o consumo e venda e 44% somente para o consumo. A produção dos quintais pode ser dividida em vegetais destinados à alimentação, medicina, ornamentação e plantas espontâneas, sendo na sua maioria destinado à primeira etnocategoria citada (Figura 3).

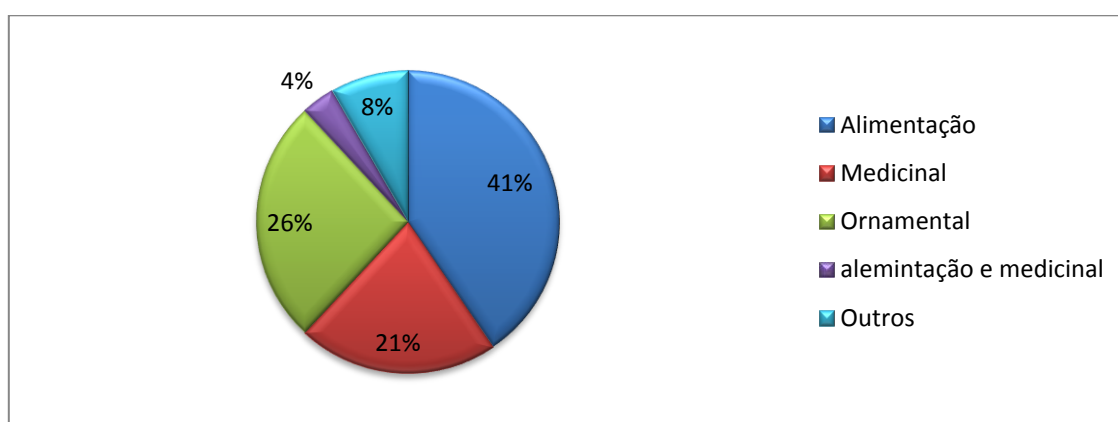


Figura 3- Etnocategorias encontradas nos quintais da comunidade de Capão. Barão de Melgaço, MT. 2014.

Na comunidade estudada o cuidado com quintal e o cultivo de plantas é de responsabilidade tanto de homens quanto de mulheres, sendo 41% das vezes é trabalho somente do homem e observou-se neste caso que se trata de pessoas que apenas cultivam no local ou quando a mulher trabalha fora. Ainda, 35% a agricultura é trabalho das mulheres por cultivarem no quintal e este ser visto como mais uma função doméstica e em 22% dos casos são ambos os responsáveis por este trabalho. Mesmo que as atividades agrícolas sejam consideradas trabalho por oposição às atividades próprias da casa quando algumas delas são realizadas pelas mulheres, perdem o caráter de trabalho e passam a ser denominadas como ajuda ou cuidado. (HEREDIA, GARCIA E GARCIA, 1978). Colaborando com a invisibilidade da mulher agricultora.

Dos entrevistados 61% realizam outras atividades no quintal sendo que 39 % apenas usam-no para o cultivo de plantas e/ou criação de animais. Dentre as atividades

citadas estão: Sentar para conversar, recreação, receber visitas, festas de Santos, almoços, reuniões de fim de ano e a Dança de São Gonçalo.

A Dança de São de Gonçalo é realizada por um pagador de promessas ou devoto do Santo, e deve ser realizada na propriedade deste. A dança consiste em duas fileiras, uma formada por homens e outra por mulheres, sempre em mesmo número, que vão até altar onde está o Santo e dançando ao ritmo de um canto entoado somente por homens:

*“Oh, viva meu São Gonçalo!
Oh, torno a reviva!
São Gonçalo para ser Santo,
primeiro foi marinho...”*

E cabe ao homem também tocar os instrumentos como: Ganzá e viola de cocho. Mulher e homem aos pares “cumprimentam o santo” e retornam à primeira posição da fila de dança.

Ilhados pela globalização, tais comunidades são verdadeiras resistências, dos fragmentos que ainda restam da nossa cultura. Representantes da dança, da fala, da forma de plantar da pantaneira e do pantaneiro, comunidade de capão está intimamente ligada ao ambiente em que vive, e reflete a matriz de conhecimento de inúmeras gerações. Sempre esperam a chuva para o começo de um plantio, e no período das cheias, quando muitos dos quintais em partes são tomados pela água, se encerram as colheitas, e é neste momento que o quintal onde se plantava agora se pesca e se toma banho.

Os dados mostram que 72% dos entrevistados utilizam do material da capina para adubar o solo onde plantam, e a outra porcentagem o queima. A forma que se planta na comunidade é bem característica e se nota presente em todas as propriedades, em um mesmo local cultivado há uma grande diversidade de espécies como é o caso do abacaxi em meio a bananeiras, mandioca em meio a mamoeiros, plantas medicinais, ornamentais e espontâneas compõem a agrobiodiversidade da comunidade, ou seja o consórcio de plantas (Pasa, 2011), conforme a Tabela 1. Banana, mandioca são os cultivares que apresentam maior representatividade e estão presentes em 100% das propriedades que participaram do estudo. Quanto aos insumos industriais, 56% relataram que não fazem uso de nenhum tipo, o restante está dividido entre sim, às vezes e somente no pasto (Figura 4). Os que responderam sim fazem o uso de

agrotóxico principalmente na época das águas, que para os 77% dos entrevistados, é período que se tem mais trabalho por conta grande aparecimento das ervas espontâneas.

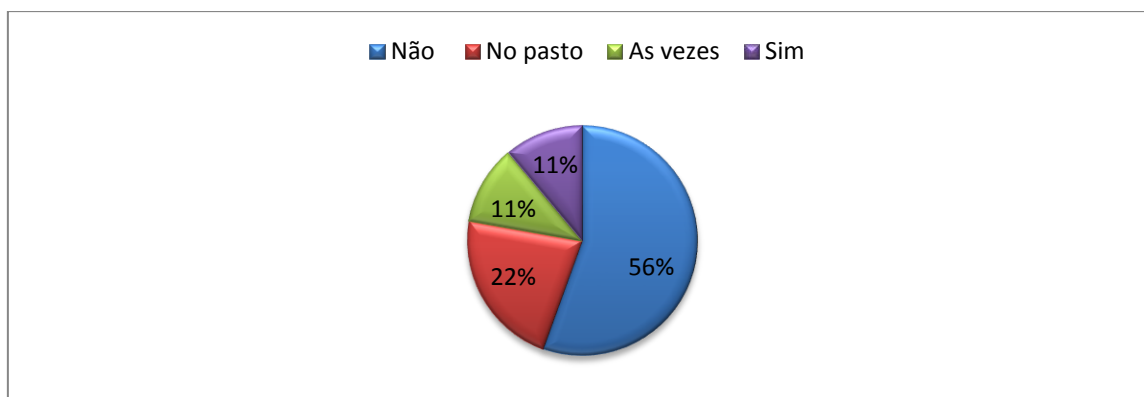


Figura 4. Incidência de indivíduos representativos que fazem uso de agrotóxicos na comunidade de Capão. Barão de Melgaço- MT. 2014.

Por se tratar de uma comunidade tradicional que trocam entre si informações, plantas, histórias, sementes e etc. Qualquer informação é facilmente disseminada, é o que acontece com agrotóxico, muitos utilizam por indicação do vizinho, que por sua vez pediu recomendação em uma casa agropecuária. E assim se perde cultura e biodiversidade. Galdino e Viera (2005), apontam para os riscos do uso de agrotóxico no pantanal, por seus resíduos metabólicos afetarem principalmente os ecossistemas aquáticos e também atingirem a saúde do ser humano pelas cadeias alimentares, visto que o peixe é principal fonte de proteína das comunidades pantaneiras. Mesmo com vestígios dos elementos da agricultura convencional que domina as indústrias de fertilizantes, agrotóxicos e sementes transgênicas, e que contaminam a cultura e o solo dessas comunidades, ainda temos a resistência dos que encontram na natureza a solução ideal para manutenção do seu agrossistema. E que segundo Diegues (2001), as técnicas de manejo empregadas pelas comunidades tradicionais tem contribuído significadamente para a conservação da biodiversidade.

Dentre os cultivares da comunidade estão bem representadas as plantas medicinais, que tratam desde um simples resfriado até problemas renais, somam mais de 10 as espécies citadas pelos entrevistados e que são cultivadas em inúmeros quintais (Tabela 2). Além dos cultivares medicinal, 78% da população local que participaram da entrevista encontram reforços para medicina popular na mata, de onde retiram

princípios ativos para tratamento de inúmeras enfermidades (Tabela 4), e mantém sua interdependência do monopólio das indústrias farmacêuticas. A parte da planta mais utilizada quando retirada da mata é a casca (50%), em segundo a raiz, seguida pelas flores e frutos. Das plantas cultivadas a parte utilizada em todos os casos são folhas. Das plantas da mata que fazem parte do uso medicinal da população a família com mais representatividade é a Fabaceae (Figura 5), das plantas medicinais cultivadas no quintal a família mais representativa é a Limiaceae (Figura 6).

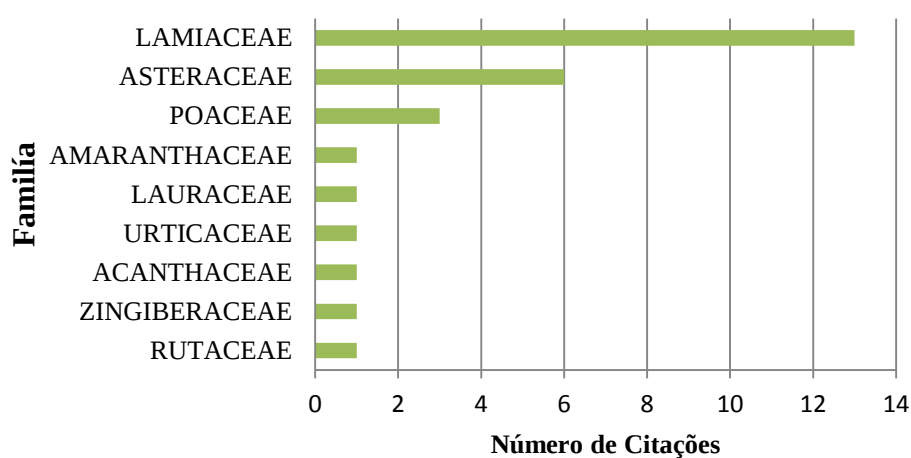


Figura 5. Famílias botânicas das plantas medicinais cultivadas com maior representatividade na comunidade de Capão. Barão de Melgaço, MT. 2014.

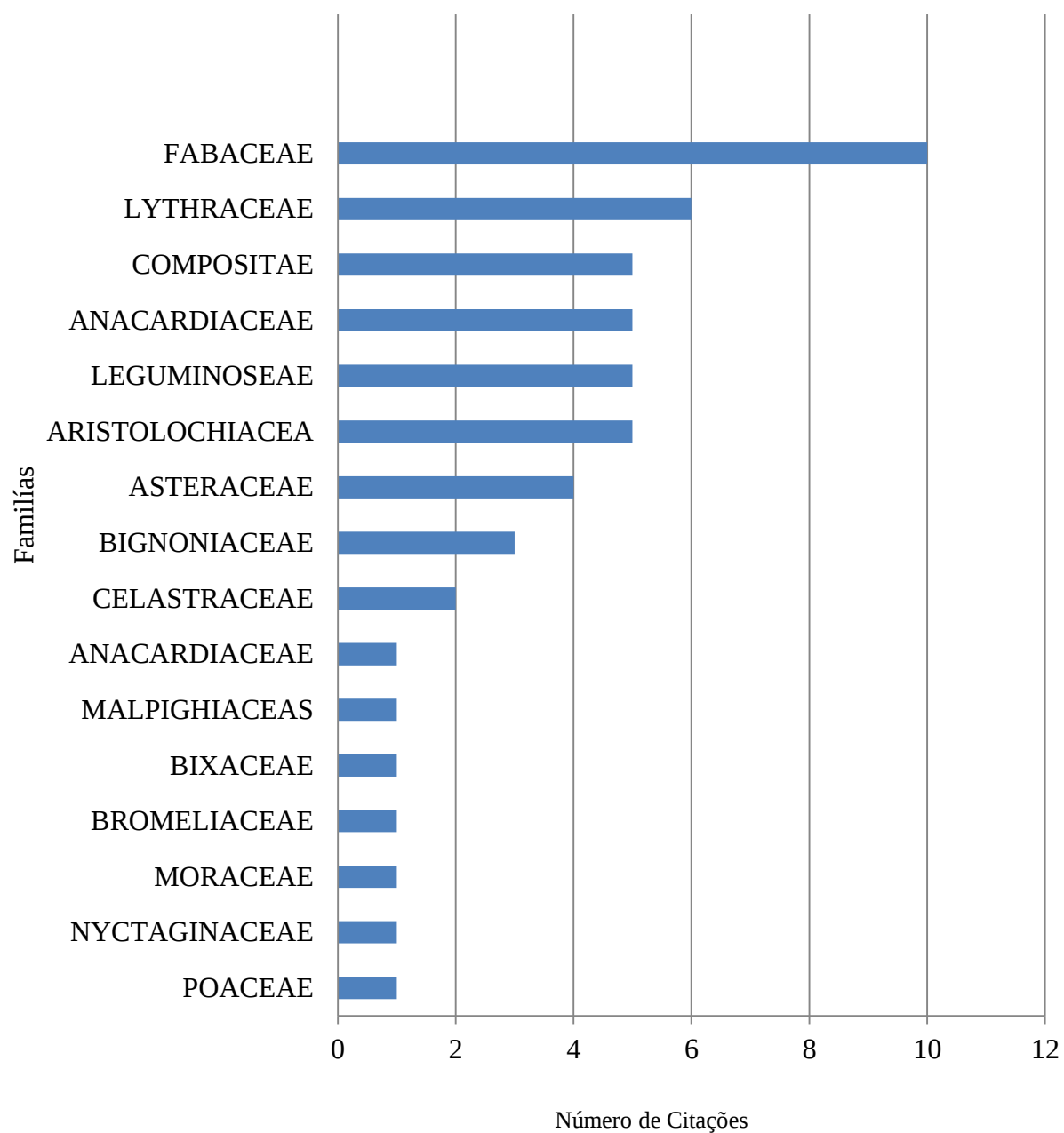


Figura 6. Famílias botânicas das plantas medicinais encontradas na mata com maior representatividade na comunidade de Capão. Barão de Melgaço, MT.

2014.

TABELA I. ESPÉCIES ENCONTRADAS NOS QUINTAIS DA COMUNIDADE DE CAPÃO E SUAS ETNOCATEGORIAS. 2014.

FAMÍLIA <i>Espécie (nome vulgar)</i>	Nº DE CITAÇÕES	ETNOCATEGORIA
MUSACEAE		
<i>Musa paradisíaca</i> L. (banana)	18	Alimentação
POACEAE		
<i>Zea mays</i> L. (milho)	18	Alimentação
<i>Saccharum officinarum</i> L. (cana-de -açúcar)	13	Alimentação
EUPHORBIACEA		
<i>Manihot esculenta</i> Crantz. (mandioca)	13	Alimentação
RUTACEAE		
<i>Citrus limon</i> L. (limão)	6	Alimentação
<i>Citrus sinensis</i> L. (laranja)	9	Alimentação
<i>Citrus reticulate</i> L. (ponkã)	5	Alimentação

ANACARDIACEAE

<i>Anacardium occidentale</i> L. (caju)	4	Alimentação
<i>Spondias mombin</i> L. (acaia)	3	Alimentação
<i>Mangifera indica</i> L. (manga)	10	Alimentação
<i>Spondias dulcis</i> Forst.F.(cajá manga)	2	Alimentação

MALPIGHIACEAE

<i>Malpighia puniceifolia</i> L. (acerola)	6	Alimentação
--	---	-------------

ARECARACEAE

<i>Cocos nucifera</i> L. (coco)	5	Alimentação
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. Ex mart. (bocaiuva)	15	Alimentação

PASSIFLORACEAE

<i>Passiflora edulis</i> f. <i>flavicarpa</i> Deg (maracujá)	3	Alimentação
--	---	-------------

CARICARACEAE

<i>Carica papaya</i> L.(mamão)	9	Alimentação
DIOSCOREACEAE		
<i>Dioscoria alata</i> L. (cará)	1	Alimentação
FABACEAE		
<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd. Seeds. (ingá)	1	Alimentação
<i>Phaseolus vulgaris</i> L. (feijão)	1	Alimentação
<i>Bauhinia</i> sp. (Pata de vaca)	4	Ornamental e medicinal
<i>Cassia fistula</i> L. (chuva de ouro)	1	Ornamental
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Swartz	1	Ornamental
(Flamboyanzinho)	1	Ornamental
<i>Delonix regia</i> L. (sombrião)	5	Outras
<i>Dipteryx alata</i> Vogel. (cumbaru)		
MORACEAE		
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam. (jaca)	2	Alimentação

TABELA 3- RELAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS E SEU USO NA MEDICINA POPULAR DA COMUNIDADE DE CAPÃO. BARÃO DE MELGAÇO – MT. 2014.

FAMÍLIA Espécie (nome vulgar)	Nº de citações	Uso na Medicina popular	Modo de preparo/forma de uso	Parte usada
ASTERACEAE <i>Matricaria recutita</i> L. (camomila)	4	Calmante, disenteria, Má digestão, menopausa	Chá (oral)	Folhas e Flores
ASTERACEAE <i>Artemisia absinthium</i> L. (losna)	4	Dores estomacais, colesterol	Chá e macerado em água (oral)	Folhas
ASTERACEAE <i>Achillea millefolim</i> L. (ponto alivio)	1	Analgésico e anti-inflamatório	Chá (oral)	Folhas
LAMIACEAE <i>Plectrantus ornatus</i> (Lour.) Spreng.(boldo-chinês)	1	Dores estomacais	Chá e macerado em água (oral)	Folhas
LAMIACEAE <i>Plectrantus barbatus</i> (Andr.) Benth. (boldo)	3	Dores estomacais e má digestão	Chá e macerado em água (oral)	Folhas
LAMIACEAE <i>Mentha pulegium</i> L. (poejo)	1	Tosse, gripe e resfriado	Chá (oral)	Folhas
LAMIACEAE <i>Mentha</i> sp. (hortelã)	4	Febre	Chá (oral)	Folhas
LAMIACEAE <i>Melissa officinalis</i> L. (erva cidreira)	2	Calmante	Chá (oral)	Folhas

RUTACEAE <i>Ruta graveolens</i> L. (arruda)	4	Cólica menstrual, depurativo, analgésico e combate de piolhos	Chá (oral)	Folhas
POACEAE <i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf. (capim cidreira)	3	Calmante	Chá (oral)	Folhas
ZINGIBERACEAE <i>Zingiber officinale</i> Roscoe. (gengibre)	1	Tosse, gripe, resfriado e inflamações.	Chá (oral)	Raiz
ACANTHACEAE <i>Justicia pectoralis</i> Jacq. (anador)	1	Analgésico	Chá e macerado em água (oral)	Folhas
URTICACEAE <i>Pilea microphylla</i> (L). Liebm. (brilhantina)	1	Analgésico	Chá (oral)	Folhas
LAURACEAE <i>Laurus nobilis</i> L. (Louro)	1	Cólicas menstruais, reumatismo.	Chá (oral) e solução alcoólica (esfregaço)	Folhas
FABACEAE <i>Bauhinia</i> sp. (pata de vaca)	3	Infecções urinárias, diabete	Chá (oral)	Folhas
AMARANTHACEAE <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) kuntze. (terramicina)	2	Inflamações, infecções e feridas.	Chá (oral) e macerado em água (compressa)	Folhas

RUBIACEAE <i>Morinda citrifolia</i> L. (noni)	2	Não sabem o uso	Não sabem sobre o uso	Não sabem sobre o uso
---	---	-----------------	-----------------------	-----------------------

TABELA 4- RELAÇÃO DAS ESPÉCIES DE PLANTAS ENCONTRADAS NA MATA DA QUAL A COMUNIDADE DE CAPÃO FAZ USO MEDICINAL. 2014.

FAMÍLIA Espécie (nome vulgar)	Nº de citações	Uso na Medicina popular	Modo de preparo/forma de uso	Parte usada
ASTERACEAE <i>Bidens pilosa</i> L. (Picão)	3	Anemia, icterícia, dor ao urinar, problemas renais	Chá (oral)	Raiz
ARISTOLOCHIACEAE <i>Aristolochia</i> sp. (Calunga)	4	Problemas estomacais, colesterol, diabete.	Chá (oral)	Raiz
LYTHRACEAE <i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil (mangava brava)	6	Cicatrizante, gastrite, problemas estomacais, infecções, infecção uterina.	Chá (oral) Chá (banho)	Casca
LEGUMINOSEAE <i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth (sucupira)	4	Depurativo, pano branco	Chá (oral)	Casca e semente
LEGUMINOSEAE <i>Cassia occidentalis</i> L. (fedegoso)	3	Anemia, vermífugo	Chá (oral), infusão (oral)	Raiz e folha
FABACEAE <i>Hymenaea courbaril</i> L. (jatobá)	5	Infecções, tuberculose, tosse	Chá (oral), xarope (oral)	Casca
FABACEAE <i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville (barbatimão)	4	Cicatrizante, infecções, infecções urinárias,	Chá (oral) Chá (banho de assento)	Casca

FABACEAE <i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.). Altschul. (angico)	1	Tosse	Chá e xarope (oral)	Casca
BIGNONIACEAE <i>Tabebuia áurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. F. ex. S. Moore. (paratudo)	4	Vermífugo, tuberculose, depurativo	Chá e xarope (oral)	Casca
POACEAE <i>Cenchrus echinatus</i> (Carrapicho)	1	Problemas estomacais	Chá (oral)	Raiz
ANACARDIACEAE <i>Myracrodruon urundeuva</i> (Engl.) Fr. All. (aroeira)	7	Dor na coluna, formação de calo ósseo, inflamação, infecção.	Chá (oral), solução alcoólica (esfregaço)	Casca
VOCHYSIACEAE <i>Volchysia divergens</i> Pohl. (cambará)	5	Tuberculose, tosse e depurativo.	Chá e xarope (oral)	Casca
CELASTRACEAE <i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. (espinheiro-santo)	2	Tuberculose, tosse e bronquite	Chá e xarope (oral)	Casca
NYCTAGINACEAE <i>Boerhvia</i> spp. (marra-pinto)	1	Problemas renais	Chá (oral)	Raiz
MORACEAE <i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam. (Caiapiá)	1	Tosse	Chá e xarope (oral)	Raiz

BROMELIACEAE <i>Aechmea</i> sp. (gravatá)	1	Tosse, coqueluche	Chá (oral)	Raiz e fruta
BIXACEAE <i>Cochlospermum regium</i> (Mart. Et Schr.) Pilger (algodãozinho)	1	depurativo	Chá (oral)	Raiz
MALPIGHIACEAE <i>Heteropteris aphrodisiaca</i> O. Mach. (nó de cachorro)	1	Depurativo e infecções no olho	Chá (oral) emplasto	Raiz
ANACARDIACEAE <i>Astronium fraxinifolium</i> Schott. (gonçaleiro)	1	Facilitar o rompimento dos dentes de bebês, febre, infecções	Chá (oral)	Casca e folha (broto)

1- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade de Capão e toda sua diversidade cultural e biológica representam as raízes de um povo que tem os seus hábitos moldados pelo ambiente que o cerca. Filhas e filhos do pantanal conhecem bem esse ecossistema e o manejam com respeito sabedoria. Usam da terra, fauna e flora para extrair os elementos necessários para sua sobrevivência.

Do quintal onde plantam, também florescem danças, conversas e o aconchego de um descanso na sombra de uma árvore que também o alimenta. Encontram a cura para suas enfermidades nas plantas dos seus quintais ou na rica flora que os cerca. Trocam e doam esse conhecimento, bem como deveria, muito diferente das indústrias farmacêuticas que muitas vezes se apoderam desse saber sem oferecer nada em troca, extraíndo então seu egoístico lucro.

Crianças, jovens e idosos entrelaçam a fina teia da comunidade estruturando e mantendo a cultura local. Infelizmente, hoje contaminada pela cultura industrial dos agrotóxicos, um mal reversível graças à estruturação de troca das comunidades tradicionais que permite qualquer conhecimento seja disseminado facilmente, bastando apenas um olhar dos governantes para uma maior e assistência técnica rural a essas comunidades, retirando- nas da marginalização das políticas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife, Comunigraf Editora NUPEEA, 2008.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA R. S.V. (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA, 2001. Disp. em: <http://www.usp.br/nupaub/publica0.html>. Acesso em: 15 de mar. 2014.

GUARIM NETO, G. et al. **Flora, vegetação e etnobotânica: conservação de recursos vegetais no pantanal**. Revista Gaia Scientia, v. 2, n. 2, 2008.

GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M.S; NASCIMENTO, Nádia Priscila Oliveira. **Etnobotânica No Pantanal: O Saber Botânico Tradicional Pantaneiro**. FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica, v. 1, n. 1, 2010.

GUARIM NETO, G. & MORAIS, R. G.. **Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico**. Acta Botanica. Brasilica, 17 (4): 561-584, 2003.

HEREDIA, B. M. A.; Garcia, M.F.; Garcia, J. - “**El lugar de la mujer en unidades domesticas campesinas**”, Seminário Mulher na Força de Trabalho na América Latina, Rio de Janeiro: IUPERJ, mimeo, 1978.

MARTIN, G.J. **Etnobotany: A methods Manual**. World Wide Found for Nature. Cambridge, 1995.

PASA, M. C. **Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá, Mt. Cuiabá**: Ed. Entrelinhas, 2007.

PASA, M.C. **Saber Local e Medicina Popular: A Etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 179-196, jan.- abr. 2011.

PASA, M. C. **Abordagem etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açú, Mato Grosso, Brasil**. Polibotânica. México, v. 31, p.169-197, 2011.

VIEIRA, L. M.; GALDINO, S. **Agrotóxicos na Bacia do Alto Taquari e Potenciais Impactos no Pantanal**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2005. 4 p. (Embrapa Pantanal. Comunicado Técnico,81). Disponível em: <<http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes>>. Acesso em: 15 mar. 2014.